

A Função da Angústia

Juan Carlos Cosentino

Tradução: Paloma Vidal

O enigma sobre a "origem" da angústia está presente no início da indagação que Freud realiza sobre a neurose. Retorna, modificado, depois de anos de teorização analítica, em 1932.

No começo "o sinal de interrogação" acompanha essa pergunta que vem como subtítulo do "Manuscrito E" em 1894: "Como se origina, de onde nasce a angústia?". Então, se separa da transferência e fica situada fora do campo analítico.

Com a publicação do caso clínico do pequeno *Hans*, Freud introduz a história de angústia e a situa novamente no campo da análise. A pergunta, um pouco modificada, insiste: quando sobrevém a angústia? A resposta demora, mas é a ocasião, com efeito retroativo, em que introduz o complexo da castração.

A pergunta reaparece com a 32ª conferência, "Angústia e vida pulsional", mas no intervalo produziu-se uma virada, conseqüência desse segundo passo teórico. "De que se tem medo na angústia neurótica?" "Como se concilia esta com a angústia realista ante perigos externos?"

A primeira versão da teoria, onde a neurose de angústia não corresponde ao mecanismo de defesa, não se sustentará por muito tempo. A satisfação sexual, que se tornará problemática para o sujeito humano com a introdução da pulsão, não é suficiente para causar a neurose de angústia. Ao contrário, com a angústia e a partir das fobias típicas, essa neurose desfaz o nó entre a nostalgia e a satisfação.

O fracasso da função de um sonho chave na análise do pequeno *Hans* introduz a irreversibilidade da angústia.

Chamamos *angústia patológica* uma sensação de nostalgia angustiada desde o momento em que já não se pode cancelá-la apontando-lhe o objeto ansiado.

A angústia se adianta. Separa nostalgia (desejo) e satisfação (pulsão), torna complexo o estatuto do objeto e questiona o império do princípio do prazer.

Entre 1926 e 1932 opera-se, na verdade, uma mudança de pergunta, que é antecipada primeiro pelas fobias típicas e depois pela histeria de angústia. Tal mudança não aponta tanto para a origem senão para a função da angústia e se segura num novo vínculo, a angústia-perigo exterior. Este novo vínculo permite, no "Complexo sobre a angústia", distinguir a situação traumática da *indefensão**, da situação de perigo.

A partir da série angústia-perigo-*indefensão*, ergue-se um novo fundamento para a angústia que permitirá situar "o lugar próprio" da mesma e, conseqüentemente, diferenciar "seu fenômeno"¹.

A neurose de angústia: as fobias ocasionais

Freud se confronta, desde o início, com o problema da angústia. Como fenômeno freqüente demais, a angústia o conduz a separar a neurastenia de uma neurose independente: a neurose de angústia. Chama a atenção para esta entidade clínica diferente e a isola conjuntamente com a criação de outra nova entidade: a neurose obsessiva.

Entre 1894 e 1895 distingue a neurose de angústia da neurastenia e, ao mesmo tempo, diferencia as obsessões das fobias.

Como escreve em "Obsessões e fobias", umas e outras que até esse momento se encontravam assim indiferentemente agrupadas — não pertencem à neurastenia propriamente dita, como tampouco dependem da degeneração mental. "São neuroses separadas, com um mecanismo especial e de uma — diferente — etiologia"².

É precisamente sobre o fenômeno da angústia que Freud vai fundar sua distinção, o que lhe permite, ao mesmo tempo, introduzir a neurose obsessiva.

Nas fobias o

estado emotivo é sempre a *angústia*, enquanto que nas verdadeiras obsessões pode ser, com igual direito que a *ansiedade*, outro estado emotivo, como a *dúvida*, o *remorso*, a *cólera*³.

Por sua vez, entre as fobias, distingue dois grupos caracterizados pelo objeto do medo. As fobias comuns: um medo exagerado das coisas que a todo mundo aborrece um pouco (a noite, a solidão, a morte, etc.). As fobias ocasionais: um medo de condições especiais que não inspiram temor ao homem sadio (por exemplo, a agorafobia e outras fobias de locomoção).

Sendo assim, à especificidade da angústia acrescenta-se outra diferença com as fobias da neurose obsessiva. As neuroses ocasionais não são obsessivas como as verdadeiras obsessões, isto é, junto com a angústia, elas não aparecem a não ser em condições especiais que podem, então, ser evitadas cuidadosamente.

Recordemos que, em "As neuropsicoses de defesa", para Freud "existem fobias puramente históricas" e que as fobias e as representações obsessivas formam parte da neurose obsessiva⁴. Por sua vez, em "Obsessões", situa as fobias comuns com as fobias da neurose obsessiva.

Não obstante,

para o enlace *secundário* do afeto liberado pode aproveitar-se qualquer representação. Por exemplo, uma angústia liberada, cuja origem sexual não deve ser recordada, versa sobre as fobias primárias comuns do ser humano diante de certos animais, da tempestade, da escuridão, etc., ou sobre coisas que inequivocadamente estão associadas com o sexual (o urinar, a defecação, o sujar-se, o contágio em geral)⁵.

Então, ambas fobias, as comuns e as ocasionais, introduzem uma novidade: o objeto e o medo. As fobias se apresentam com um estatuto muito particular em relação à angústia, tendo a emergência de um objeto que provoca medo como um meio de canalizá-la. Vale dizer, "o estado emotivo não aparece (...) senão nessas condições especiais que o doente evita cuidadosamente"⁶.

A segunda diferença, neste momento, entre a angústia da fobia e a da neurose obsessiva situa-se na etiologia.

Para chegar à etiologia, Freud parte de outro ponto: "o mecanismo da fobia é totalmente diferente do das obsessões". O mecanismo da substituição não vale para as fobias da neurose de angústia. Não se revela, via análise, uma idéia inconciliável, substituída. Nunca se encontra outra coisa além da angústia que não provém de uma representação recalçada e "que por uma sorte de eleição colocou em primeiro plano todas as idéias aptas a tornarem-se objeto de uma fobia"⁷. O enlace do afeto liberado aproveita qualquer representação, mas é secundário.

Vale dizer,

a angústia se enlaça com um conteúdo de representação ou de percepção — o estatuto do objeto — e o despertar desse conteúdo psíquico é a condição capital para que aflore a angústia⁸.

Pois bem, "o grupo das fobias típicas (ou ocasionais), das quais a *agorafobia* é o protótipo, não se deixa reconduzir ao mecanismo psíquico" da histeria e da neurose obsessiva;

ao contrário, o mecanismo do *agorafobia* diverge num ponto decisivo do mecanismo das representações obsessivas e das fobias reduzíveis a estas: aqui não se encontra nenhuma representação recalçada da qual se teria divorciado o afeto da *angústia*⁹.

Novidade surpreendente, com alguma diferença do segundo passo teórico e ainda longe da angústia de castração: como não se separou de nenhuma representação recalçada, a angústia não tem representação aqui, é de outra natureza que a representação. Situa-se, antecipando a dimensão da falta, na própria abertura que constitui o inconsciente.

No entanto, a pergunta do "Manuscrito E" decide o rumo. Na agorafobia pode ser encontrada a recordação de um ataque de angústia e, na verdade, o que o doente teme é seu retorno. Mas, como a angústia desta fobia não se divorciou de nenhuma representação recalçada, "tem outra origem"¹⁰. De novo, "é preciso perguntar-se: qual pode ser a fonte?"¹¹.

Freud estabelece, então, uma neurose especial a neurose de angústia — cujo sintoma principal é esse "estado emotivo". E "assim as fobias formam parte da neurose de angústia e quase sempre vêm acompanhadas de outros sintomas da mesma série".

A neurose de angústia é de origem sexual, mas "carece de mecanismo psíquico em sentido próprio"¹². A excitação sexual somática é desviada do psíquico e recebe, devido a isso, um emprego anormal: o ataque de angústia.

No entanto, a angústia das fobias obedece a outras condições. "Têm uma estrutura mais complicada que os ataques de angústia simplesmente somáticos"¹³. Nelas a angústia se enlaça com uma representação, que vale como objeto, e o medo a dosifica.

O despertar dessa representação é a condição capital para que aflore a angústia.

Em tal caso, a angústia é *desprendida*, de um modo que se assemelha ao que acontece, por exemplo, com a tensão sexual pelo despertar de umas representações libidinosas¹⁴. Mas, na verdade, para Freud, não está claro ainda o vínculo que este mantém com a teoria que ele sustenta sobre a neurose de angústia.

Enquanto as fobias privilegiam o vínculo com o objeto do medo, antecipando seu terceiro passo teórico (a reação angústia-perigo exterior), a neurose de angústia acentua o vínculo com a acumulação da excitação, devido a uma "satisfação insuficiente", que não admite derivação psíquica e que se libera como angústia.

Nesta tensão entre o exterior da fobia e o interior da neurose de angústia, uma pergunta formulada por Freud introduz outra perspectiva: porque o aparelho psíquico quando funciona com insuficiência para dominar a excitação sexual "cai no estado afetivo peculiar da angústia"¹⁵.

A psique cai no afeto da angústia — responde — quando é incapaz de tramitar um perigo que se aproxima de fora; cai na neurose de angústia quando é incapaz de reequilibrar a excitação (sexual) endogenamente produzida.

Mas com seu funcionamento, o aparelho psíquico, na neurose de angústia, produz um deslocamento: é "como se este projetara a excitação para fora"¹⁶. Reaparece o exterior da fobia e o objeto do medo e, com ele, se antecipa a virada que retroativamente introduz em 1926. Esse autêntico perigo exterior: o da castração.

Por sua vez, afeto e neurose se situam num estreito vínculo recíproco; o primeiro é a reação a uma excitação exógena e a segunda uma reação frente a uma situação endógena análoga. Mas enquanto o afeto é um estado passageiro, a neurose é crônica. A extinção exógena atua como golpe único e a endógena como uma força constante.

O estreito vínculo exterior-interior introduz também uma diferença que vinte anos mais tarde, em "Pulsões e destinos de pulsões", alojará, como uma força constante, a pulsão.

Este outro vínculo excitação endógena-pulsão reorienta a pergunta: de onde nasce a angústia?

Freud se atém, no "Manuscrito K", ao modelo da neurose de angústia onde, de igual modo que na neurose compulsiva (*Zwang*), "uma quantidade proveniente da vida sexual causa uma perturbação dentro do psíquico", apesar do princípio regulador, o de constância.¹⁷

A fonte da angústia assim como a fonte da representação compulsiva fazem confluir, sem apagar sua especificidade, fobias e obsessões que Freud diferenciara ao isolar a neurose de angústia.

A intuição da participação na vida psíquica de uma fonte de desprendimento de desprazer, independente do princípio de constância, ilumina, logo da separação fobias-obsessões, a atual confluência num ponto diferente. Para chegar a esta confluência foi necessário, como assinalamos, isolar a neurose de angústia, criar a neurose obsessiva e separar as obsessões das fobias. Mas faltará, para situar esse ponto pulsional, a entrada conceitual da exigência pulsional. Existirá lugar, então, para que irrompa a perturbação econômica, núcleo genuíno do perigo.

A exigência pulsional está presente em 1896: as obsessões têm curso psíquico compulsivo (*Zwangskurs*) por causa "da fonte que contribui para sua vigência"¹⁸. Retorna em 1909: o objeto do medo, na fobia, canaliza a angústia e, por sua vez, em certas circunstâncias pode acentuá-la. Freud se referirá ao cavalo como imagem do terror no caso clínico do pequeno *Hans*.

Para a cura da neurose de angústia, como neurose atual, aposta na desejada satisfação sexual como prazer psíquico. Solução insuficiente: ainda não sabe que com a excitação endógena introduziu a exigência da pulsão que opera sempre como força constante. Com a angústia das fobias típicas, na dissimetria que introduzirá o objeto do medo, começaram a se distanciar nostalgia e satisfação.

A histeria de angústia: a irreversibilidade da angústia.

Uma senhora de meia idade, que se queixava de estados de angústia e que não considerava concluída sua feminilidade, procura Freud. Esta consulta o conduz, em 1910, a diferenciar a histeria de angústia e a retomar, com certa interrogação, a neurose de angústia.

Esta não será a última oportunidade em que Freud volta à neurose de angústia, mas com a introdução desta nova entidade clínica, a angústia já não ficará dissociada da transferência.

No texto "Sobre a psicanálise silvestre" escreve que a ocasião da irrupção da angústia desta mulher havia sido a separação do seu último marido. O aumento da mesma ocorre depois de consultar um jovem analista.

Este último determinara que a causa de sua angústia era a privação sexual e concluíra propondo, com diferentes alternativas, que retomasse uma *vita sexualis* "normal".

Tratava-se, segundo esse suposto analista, de um descobrimento novo que Freud havia feito em relação às neuroses atuais. Então, com o reforço da angústia, a paciente não demorou a consultá-lo.

Freud a recebe, e a escuta. Assinala que não deve se considerar "verdadeiro, de cara, tudo que os neuróticos falam sobre seu analista". No campo da análise intervém a transferência: o analista tem que assumir, em certas oportunidades, a "responsabilidade" dos desejos secretos reprimidos dos neuróticos. Mas ainda que seja curioso, tais inculpações dos pacientes "em nenhuma parte encontram mais credibilidade do que entre os outros analistas"¹⁹.

Feita esta declaração, liga esta situação às pontuações sobre a psicanálise *silvestre*.

Começa pelos erros que chama científicos. O conceito do sexual é muito mais amplo na psicanálise: "também é atribuído à *vida sexual* toda atividade de sentimentos ternos". Sua fonte: as moções sexuais primitivas, ainda que experimentem uma inibição de sua meta sexual ou que a tenham permutado por outra, já não sexual.

"Preferimos, então, falar de psico-sexualidade, pois não omitimos, nem subestimamos o fator anímico da vida sexual". A palavra "sexualidade" se emprega no mesmo sentido amplo do vocábulo "*lieben*" na língua alemã.

Uma insatisfação anímica com todas suas conseqüências pode estar presente quando não falta um comércio sexual normal. Ao contrário, o coito ou outros atos sexuais só permitem descarregar uma medida mínima das aspirações sexuais insatisfeitas. Isso é testemunhado pelas satisfações substitutivas, vale dizer, os sintomas neuróticos. Sem dúvida, seu jovem colega simplificou muito o problema,

só insistiu no fator somático do sexual; em conseqüência, "tem que assumir a total responsabilidade pelo seu proceder".²⁰

Esse proceder leva-o a situar um segundo mal-entendido. Segundo a psicanálise, uma insatisfação sexual é a causa da neurose. No entanto, os sintomas neuróticos surgem de um conflito entre a libido e o recalque. Ficou para trás essa *vita sexualis* que levaria à almejada satisfação. A existência do conflito põe em questão "que a satisfação sexual constitui em si a panacéia universal"²¹. Se a paciente não tivesse nenhum conflito já teria apelado muito antes para alguns dos recursos que o jovem analista propôs.

Até aqui tudo parece muito claro, mas como no horizonte diagnóstico reapareceu a velha neurose de angústia, o fator somático ainda retorna para o veredicto junto com certa dificuldade.

As chamadas neuroses atuais como a neurose de angústia pura dependem desse fator somático para a vida sexual. Não obstante, a respeito delas não conta "ainda com uma representação certa sobre o papel do fator psíquico e do recalque".

Sendo assim, como antecipamos, o valor estrutural que o fator psíquico e o recalque adquiriram interroga e questiona a suposta pureza da neurose de angústia.

Novamente, a satisfação apontada, com os diferentes recursos que são aconselhados a esta mulher, deixa fora conflito e recalque junto com o diagnóstico de uma histeria de angústia que Freud propõe. Então, já não sobra espaço algum para a psicanálise: "onde interviria aqui o tratamento analítico, no qual vemos o principal recurso para o caso dos estados de angústia?"²².

Pouco tempo antes, com a análise do pequeno *Hans*, Freud havia proposto, como nova entidade clínica, a histeria de angústia. Com esta proposta recupera as fobias típicas. Mas agora se produz uma novidade: o mecanismo psíquico destas, que antes se situava fora dele mesmo, concorda, exceto num ponto, com o da histeria.

Trata-se de um ponto decisivo. Está apto a estabelecer a separação: nas fobias a libido, desprendida do material patógeno em virtude do recalque, não é convertida numa intervenção corporal como na histeria, mas libera-se como angústia.

Na primeira versão de sua teoria não se encontra nenhuma representação recalçada da qual se tenha divorciado o afeto da angústia. Há lugar para a falta, deixando de lado a "origem", enquanto que a angústia é anterior, com muita antecipação ao recalque. Mas será necessário esperar até 1926.

Na segunda versão, a libido liberada como angústia se divorciou de uma representação recalçada, enquanto que a formação substitutiva, um animal mais ou menos apto a ser objeto de angústia, se estabelece pela via do deslocamento.

Mas a parte quantitativa não desapareceu, e sim se transpôs em angústia. Sendo assim, devido a cada aumento da moção pulsional "a muralha protetora

adia o problema". Só se introduziu, junto com o mecanismo psíquico e a representação, o objeto que vale como representante e o medo que mediatiza a angústia.

Então, nesta fobia aos cavalos, quando surge a angústia?

Em relação à aparição da fobia, que acontece aos 4 anos, não há no histórico do pequeno *Hans* um acontecimento crítico que a explique.

Não se trata do nascimento da irmã que ocorre quando ele tem 3 anos. Tampouco se trata da ameaça da mãe que coincide com o começo da masturbação ativa, também nessa idade.

Estes fatos têm um papel a posteriori, mas, ao menos diretamente, não são desencadeantes. Frente à ameaça materna, *Hans* "responde ainda sem consciência de culpa, mas é a ocasião em que adquire com efeito retroativo o complexo de castração".²⁴

A pergunta sobre a aparição da angústia permanece aberta. Um sonho que fracassa vai lhe permitir diferenciar a emergência da angústia da constituição da fobia.

Nas comunicações iniciais dos primeiros dias de 1908, como nota do pai a Freud, lemos:

"*Hans* (4 anos) aparece de manhã chorando; a mãe pergunta-lhe por que chora e ele diz: *quando dormia pensei que você estava longe e eu não tenho nenhuma mamãe para que me acaricie (lieblosen)*).

Portanto, um sonho de angústia.

Algo parecido notei nele já no verão (julho - agosto) em Gmunden. Ao anoitecer, a maioria das vezes ia para a cama com um disposição muito sentimental e uma vez fez a observação (aproximada): *se não tivesse nenhuma mamãe, se você fosse embora*, ou coisa parecida; não me lembro com exatidão. Infelizmente, quando ele estava com essa disposição triste, a mãe sempre o acolhia em seu leito.

Mais ou menos a 5 de janeiro aproximou-se cedo da mãe, que estava na cama, e disse: *Tia M. falou: 'Mas que lindo pintinho você tem'* (Tia M. tinha se hospedado quatro semanas antes na nossa casa; certa vez viu como minha mulher dava banho no rapazinho e, de fato, disse isso a minha mulher, *Hans* escutou-a e procurava aproveitar isso.)

No dia 7 de janeiro ele vai, como de costume, ao *Stadtpark* (parque municipal situado perto do centro de Viena) com a babá; na rua começa a chorar e pede que o levem para a casa, quer agradar (*schneicheen*) a mãe. Quando em casa perguntam por que não quis continuar e começou a chorar, não quer dizer nada. De tarde está alegre como de costume; ao anoitecer tem visível angústia, chora e não conseguem separá-lo da mãe; uma e outra vez quer agradá-la (acariciar-se). Depois recobra a alegria e dorme bem.

No dia 8 de janeiro, minha própria mulher sai para passear com ele para ver o que acontece. Leva-o a Schönbrunn, lugar aonde ele gosta muito de ir. De

novo começa a chorar, não quer seguir caminho, tem medo. Acaba indo, mas é visível que sente angústia. No caminho de volta de Schönbrunn diz à mãe: *tive medo de que um cavalo me mordesse.* (De fato, em Schönbrunn inquietou-se quando viu um cavalo.) Quando anoitece me dizem que teve um ataque parecido ao do dia anterior, com pedido de agradar a mãe. Tranqüilizam-no. Diz chorando: *sei que me levarão de novo para passear e depois o cavalo entrará no quarto.*

Esse mesmo dia, a mãe pergunta-lhe: *Você passa a mão pelo faz-pipi?* E sobre isso, ele diz: *Sim, cada anoitecer, quando estou na cama.* No dia seguinte, 9 de janeiro, recomendam-lhe, antes da sesta, que não passe a mão pelo faz-pipi. Interrogado ao acordar, ele diz que passou durante um tempinho.²⁵

Nesse fragmento clínico — suficiente, como um todo, para nos orientar — Freud situa "o começo da angústia, assim como da fobia". Mas nos indica que temos bom fundamento para separar uma da outra. Trata-se desse "ponto temporal com estágio inicial" que a maioria das vezes se descuida ou silencia.

A perturbação é introduzida no verão de 1907 com pensamentos terno-angustiados e, mais tarde, nos primeiros dias de 1908, com um sonho de angústia que o desperta.

O conteúdo do sonho é perder a mãe, de modo que ele já não possa "se acariciar" com ela. Deduz, com sua segunda teoria da angústia, que a ternura em relação à mãe aumentou enormemente: "é o fenômeno básico de seu estado". E nos lembra, para assim confirmá-lo, das suas duas tentativas de seduzir a mãe. A primeira se produz ali onde o pênis de *Hans* é sancionado como "uma porcaria" por sua mãe, ainda no verão. E a segunda, ali onde elogia seu genital aproveitando o comentário da Tia M., pouco antes de que irrompa a angústia ao andar pela rua.

"É essa aumentada ternura pela mãe que subitamente se transforma em angústia", sucumbe ao recalque. Em 1909 trata-se da transformação da libido recalcada em angústia, mas a mesma angústia interroga o recalque.

De onde provém o estímulo para o recalque?, pergunta-se. Da intensidade da moção, não dominável pela criança? Por acaso cooperam outros poderes ainda não discernidos?

Com o estímulo para o recalque, constitui a fobia. Mas, como a angústia indica certo fracasso do recalque, há lugar também para que irrompa essa intensidade da moção pulsional não dominável pelo simbólico pois não pode ser ligada.

E mesmo sustentando que a libido recalcada se transforma em angústia, a aparição como perturbação de dita angústia interroga — antecipando o mais além do princípio do prazer — o estatuto da satisfação e do objeto.

O sonho de angústia constitui esse estágio inicial que marca o começo da angústia que se antecipa à constituição da fobia.

Nesse "ponto temporal" (*Zeitpunkt*), muitas vezes descuidado ou silenciado, se introduz a perturbação que no começo carece de objeto. É, ainda, angústia e

não medo. *Hans* (no começo) não pode saber do que tem medo. E quando, nesse primeiro passeio com a babá, não quer dizer do que tem medo é porque ele também não sabe. Diz o que sabe: que na rua lhe falta a mãe com quem pode se acariciar, e que não quer se apartar dela. Para Freud, deixa vislumbrar assim o sentido primeiro de sua aversão a andar na rua.

Por outro lado, seus estados angustiados — duas vezes repetidos antes de deitar-se — e, não obstante, de nítida coloração terna provam que no começo da doença não existe uma fobia ao andar na rua ou a passear, nem tampouco aos cavalos.

Como explicar, então, o estado ao anoitecer?

A angústia corresponde, então, a uma nostalgia recalçada, mas não é o mesmo que a nostalgia; o recalque conta também em algo.

Este dito recalque inscreve um antes e um depois e torna dissimétricas nostalgia e angústia e, conseqüentemente, prazer e satisfação.

A nostalgia poderia se transformar em satisfação plena (*voel in Befriedigung*) apontando-lhe o objeto ansiado; para a angústia essa terapia não serve, ela permanece mesmo que a nostalgia pudesse ser satisfeita, já não é possível tornar a transformá-la plenamente em libido: a libido é retirada no recalque por alguma coisa²⁶.

A angústia — como indicamos — desamarra nostalgia e satisfação, questiona o estatuto do objeto e interroga o império do princípio do prazer.

Nessa impossibilidade de tornar a transformar a angústia em libido, não só cai a "satisfação plena" e o objeto ansiado, como também a primeira muda de signo e o segundo se torna inquietante.

No caso clínico, comenta que os "estados de angústia não são provocados por uma satisfação"²⁷. Vale dizer, refere-se a essa satisfação, acorde com o princípio, quando *Hans* está alojado como objeto de prazer. Com a emergência da angústia há desacordo entre prazer e satisfação. É necessário, então, referir-se ao desprazer da satisfação, ao prazer no desprazer, para produzir uma virada e antecipar o nome freudiano do gozo.

No sono trata-se "de uma separação"²⁸. Os chamados pensamentos terno-angustiados, prévios ao sono, preparam-na. No entanto, como assinala Freud na "Epicrise", as relações cronológicas não impedem de atribuir influxo demais à *ocasião* para a irrupção da doença — a transformação da angústia libidinosa em angústia — pois "em *Hans* observam-se indícios de estados de angústia *há muito tempo atrás*, antes que visse tombar o cavalo de diligência na rua"²⁹.

A posteriori, comenta, a neurose se atou diretamente a essa vivência acidental e conservou seu rastro na entronização do cavalo como objeto de angústia. Mas nesse ponto temporal trata-se já não da angústia e sim da fobia.

Retornando, então, à angústia; estabelecida tal separação — como castração e como fracasso do sono — não há retorno possível: *Hans* já não é mais o objeto de prazer. Com a aquisição retroativa do complexo de castração — essa nova separação da mãe — cai o jogo de esconde-esconde. A comparação, em 1957, introduz, para Lacan, a angústia como angústia da insuficiência: a diferença entre aquilo pelo que é amado (corpo = falo) e seu pênis "como algo miserável"³⁰.

Depois do sonho, "está com a mãe e apesar disso tem angústia". É — indica-nos Freud — o que se mostra em *Hans* por causa do segundo passeio, quando a mãe o acompanha. Agora está com a mãe e, no entanto, tem angústia, isto é — insiste — uma nostalgia dela não saciada.

Na "Epícrise" escreve que se trata de um genuíno sonho de castigo e recalque "no qual, além disso, fracassa a função do sonho, posto que a criança desperta com angústia do seu sono".

Novamente considera que a criança sonhou com as ternuras com sua mãe, sonhou com dormir com ela; sendo assim

todo prazer se transformou em angústia e todo conteúdo de representação se transformou em seu oposto (pois) o recalque — outra vez, um antes e um depois — obteve a vitória sobre o mecanismo do sonho.

Freud supõe a existência em *Hans* de uma excitação sexual acrescentada. E mesmo que o objeto de dita excitação continue sendo a mãe, o decisivo, novamente, é a transformação da excitação sexual em angústia. Nessa dita transformação, há lugar para o despertar contingente de impressões anteriores — esses indícios de estados de angústia de muito tempo atrás — por causa do "ocasionamento" da doença.

Sendo assim, quando "a angústia resistiu à prova"³¹ não se trata, então, da nostalgia não saciada pelo objeto, nem da nostalgia da mãe, nem mesmo da comparação, mas da iminência do objeto: intervém a pulsão. O pênis, com a mudança de estatuto do objeto, se tornou real quando *Hans* teve suas primeiras ereções, vale dizer, com a primeira excitação sexual.

Ali onde no começo a angústia carece de objeto que a dosifique, com a virada que se produz, ela já não é sem objeto: há lugar para essa libido retida. Mas seu valor se modificou: não corresponde ao objeto de uma nostalgia erótica recalçada, mas sim ao descobrimento traumático da realidade sexual em seu próprio corpo.

A pulsão participa. Trata-se do pênis como traumático, como pertencente ao exterior do corpo, como uma coisa separada, como um cavalo — a angústia retorna apesar da fobia — que começa a se levantar e dar coices.

Talvez — escreve Freud — teria sido possível aproveitar a angústia ao 'fazer barulho com as patas' para preencher lacunas em nosso procedimento de prova. (...). O pai não pôde confirmar minha conjectura de que na criança se mobilizava

uma reminiscência sobre um comércio sexual entre os pais, observado por ele no quarto³².

Em 1957, para Lacan também resta um enigma: a questão de saber se o *Krawalmachen*, um dos temores que a criança experimenta diante do cavalo — que faça barulho com as patas — não está relacionado com o orgasmo, inclusive um orgasmo que não seria o seu: uma cena proibida entre os pais.

Compreende-se, então, a virada que se produz em 1976. Já não se trata nem da comparação, nem da angústia da insuficiência, pois "o gozo que resulta desse *Wiwimacher* (fazer-xixi) lhe é alheio até o ponto de estar no princípio de sua fobia³³. A insuficiência é do Outro: o gozo não pode ser ligado e, enquanto tal, não pode ser comparado.

O cavalo — lemos no caso clínico — "foi sempre para a criança o modelo do prazer de movimento, ("Sou um potro", diz *Hans* aos pulos) mas como este prazer de movimento inclui o impulso no coito, a neurose o limita, e o cavalo é o entronizado — para nossa surpresa — como *imagem sensorial do terror*. Parece que a neurose não deixa às pulsões recalcadas outra dignidade que a de brindar os pretextos para a angústia dentro da consciência³⁴. Do prazer ao terror, modifica-se o valor do objeto: o *Heimlich* torna-se *unheimlich*, passa-se da nostalgia à iminência do objeto. Intervém o objeto de borda da pulsão.

A angústia *resiste à prova* do passeio com a mãe e vê a necessidade de encontrar um objeto; em dito passeio "se exterioriza pela primeira vez o medo de ser mordido por um cavalo". A mudança de libido em angústia para Freud se projetou sobre o objeto principal da fobia: o cavalo. É importante notar: trata-se "dos cavalos de angústia"³⁵.

O cavalo morde (substituto do pai), mas também cai: o cavalo da diligência previamente tombara na rua. Freud refere-se ao entrelaçamento pulsional. Com o cair substitui a mãe mas também, enquanto tomba e esperneia — o *Krawallmahen* — o próprio pênis como traumático.

Não há lugar para a reversão da angústia, uma vez liberada, em libido. Esta reversão começa a desatar os *complexos* dos quais provém a libido. Há lugar para uma libido de objeto e, também, ali onde intervém a pulsão, para uma libido-resto.

É esta irreversibilidade da angústia em libido que modifica, junto com a introdução ao gozo, o valor do objeto. Agora é esse fazer barulho que introduz a perturbação e não aqueles pensamentos terno-angustiosos. Reaparece o desprazer da satisfação. Trata-se do desagradável. Introduce-se, via *Krawallmachen*, a dimensão da voz.

Neste chamado mudo, talvez seja necessário situar o nó que une o desejo à angústia, no instante da iminência do objeto. Será necessário esperar, porém, 1963. A função da angústia se antecipa à cessão do objeto como libido-resto. A não reversão terá, então, se recuperado: como perda da libido e como constituição do

sujeito. A angústia-função será, pois, um tempo na constituição do desejo, esse momento em que se desprende o objeto *a* como causa do mesmo. Em seu retorno, esta irreversibilidade da angústia em libido anuncia que ali onde o sujeito "se aterra de sua satisfação"³⁶ intervém a pulsão.

O perigo externo: angústia, medo, terror.

Em 1916 "o problema da angústia continua sendo um ponto nodal e um enigma" no qual confluem, sem entrarem em acordo, angústia neurótica e realista.

A angústia realista, como antes a fobia, dá entrada ao perigo externo: é possível tratá-la sem considerar de modo algum o estado neurótico?

Freud questiona, criticando o que inicialmente comenta na 25ª conferência, que a angústia realista seja racional e adequada.

A única conduta adequada frente a um perigo seria a fria avaliação das próprias forças, comparadas com a magnitude da ameaça e o decidir-se em consequência: se a fuga, ou a defesa, ou ainda, chegado o caso, o ataque. Mas "numa situação assim — comenta — não há lugar algum para a angústia"; ao contrário, a eficácia da reação é "melhor se não se chega ao desenvolvimento de angústia".

Se irrompe angústia, a irrupção resulta inadequada: "paralisa toda ação, mesmo a da fuga". Então, a reação frente ao perigo precisa conciliar angústia e ação de defesa.

E como "o desenvolvimento de angústia nunca é adequado", Freud decompõe "a situação de angústia". O primeiro que encontra em dita situação é a *disposição* ou *predisposição* (*Bereitschaft*) para o perigo (*Gefahr*). Evidencia-se num aumento da atenção sensorial e numa tensão motriz. Esta disposição *expectante* é o antecedente da angústia sinal e sua falta introduz o terror.

Nesta disposição se origina, por um lado, a ação motriz e, por outro, "o que sentimos como estado de angústia". Se o desenvolvimento de angústia se ajusta a uma mera ameaça ou se limita a um sinal, então a disposição à angústia (*Angstbereitschaft*) leva à ação: a fuga, a defesa ativa ou o ataque.

Daí a disposição para a angústia parecer-lhe afinal o mais adequado e o desenvolvimento da angústia o mais inadequado.

Não é possível tratar — como veremos — o vínculo angústia-perigo exterior que Freud introduziu, sem considerar a angústia neurótica. Mas ainda não se conecta, como em 1926, com a castração na mãe e com o mais além pulsional.

Só o terror (*Schreck*), na sua diferença com a angústia e com o medo (*Furcht*), adianta o efeito de um perigo que não é recebido com disposição à angústia.

O fenômeno do terror introduz, então, um novo perigo tão exterior como esse perigo exterior, fazendo confluir, por um instante, angústia neurótica e realista. Antecipa com a pulsão, um *objeto-borda* que escapa àquele da reversibilidade da libido. E prepara, junto com a inquietante estranheza, iniciando uma mudança, esse horror da satisfação que clama por um ponto de exterioridade para o aparelho psíquico, diferente do princípio do prazer.

Na conferência volta novamente à angústia. Para o núcleo do afeto se refere à "repetição de uma determinada vivência significativa"³⁷. Uma impressão muito cedo que situa, como consequência das lacunas da verdade individual³⁸, na pré-história. Dito estado afetivo adota a mesma construção que um ataque histérico e aponta, como este, à "decantação de uma reminiscência"³⁹.

A "Carta 52" nos orienta neste ponto. O ataque histérico é ação (*Action*) e não mera descarga e, como tal, retém o caráter original de toda ação: ser um meio para a reprodução do prazer. "Dirige-se ao outro, mas acima de tudo a esse outro pré-histórico, inesquecível, a quem nenhum posterior igualará"⁴⁰.

Desde esta perspectiva: o que se repete? De que impressão se trata? O que decanta?

Sobre o fundo daquelas lacunas, essa impressão precoce volta em inibição, como lugar da angústia com a *indefensão* e como fenômeno com o terror: esse Outro — pré-histórico — está irremediavelmente perdido. Ali onde a primeira satisfação mítica se repete como falha, o enfrentamento com um perigo, que não é recebido com disposição para a angústia, reproduz em 1926, introduzindo uma mudança, o "prazer" do horror, e deixa a insuficiência do lado do Outro que não pode ser garante desse gozo.

Na conferência, por outro lado, o acento se desloca em outra direção. A impressão precoce que em qualidade de repetição reproduz o afeto de angústia, introduz o ato do nascimento.

Esta versão inicial do ato, com o enorme incremento dos estímulos que sobrevém no nascimento, situa esta primeira angústia como uma angústia tóxica. "O nome angústia (*Angst*) — angustiar, estreitamento (*Enge*) — destaca o rasgo da falta de ar, que nesse momento foi consequência da situação real, e hoje se reproduz quase regularmente no afeto".

Fica como antecipação que o dito primeiro estado de angústia se origina na separação da mãe. No entanto, ainda não aparece a comparação, como ocorrerá em 1926, com a castração da mãe. A separação se ordena em outra direção: leva a que nenhum sujeito possa se subtrair a esse efeito (esse primeiro estado de angústia profundamente incorporado), por mais que, "como o legendário Macduff, tenha sido arrancado prematuramente do seio materno, e por isso não tenha experimentado por si só o ato do nascimento".

No entanto, o mesmo ato do nascimento — em 1916 "fonte e modelo do afeto de angústia" — o conduz a outro lugar quando se inspira no pensamento ingênuo do povo.

Este "nexo importante" entre a angústia e o nascimento, desvelado certamente pela sabedoria popular, se detém em outro lugar: "ante o singular e pequeno objeto que, com a aparição da criança, *foi o mecônio*". Esse outro lugar — como assinalamos — com a *indefensão* do Outro, leva em 1963, no tempo da angústia, à cessão do objeto na construção do desejo...

Há muitos anos — comenta Freud — um assistente relatou, entre um grupo de jovens médicos de hospital, uma

história engraçada que havia ocorrido na última prova de parteiras. Quando perguntaram a uma candidata o que significava o fato de que no parto aparecesse mecônio na água do nascimento, respondeu sem vacilar — e caladamente tomei partido por ela — que a criança está angustiada⁴¹.

A função da angústia.

Com "Inibição, sintoma e angústia" a angústia do nascimento retorna. Mas nesta circunstância se ordena de forma diferente do que em 1916. A *comparação* com essa angústia primeira leva-o à castração na mãe, e a *analogia* à angústia traumática.

"A primeira vivência de angústia (a do nascimento) poderia ser *comparada* a uma castração da mãe (de acordo com a equação filho-pênis)"⁴².

A libido da mãe desliza *de novo*, como na menina, ao longo da equação simbólica, para uma nova posição. "Resigna o desejo de pênis para substituí-lo pelo desejo de um filho e com este propósito toma o pai como objeto de amor"⁴³. Seu complexo de Édipo culminará no desejo de receber como presente um filho do pai.

Sendo assim, esta substituição, que pertence ao complexo de Édipo, reintroduz o que já estava logicamente antes: a castração *na* mãe.

Por tratar-se de uma nova separação, sustenta-se, como Freud escreve a Rank (44), nos princípios já estabelecidos: o Édipo e a função do pai.

Por isso a castração na mãe — um momento logicamente anterior à própria constituição do sujeito como sujeito sexuado — se ordena ao redor do falo. "Só pode ser apreciada retamente a significatividade do complexo de castração se ao mesmo tempo se toma em conta sua gênese na fase do primado do falo"⁴⁵.

A inscrição particular de dita castração que retorna com a equação é, como núcleo da neurose, o complexo de castração.

No capítulo seguinte de "Inibição" introduz, afastando-se ainda mais da posição de Rank, a angústia traumática que sustenta também na angústia do nascimento.

"A reflexão nos conduz *mais* além dessa insistência na perda do objeto", vale dizer, a angústia sinal.

"Então a situação que valorizou como *perigo* e da qual quer se resguardar é a da insatisfação, o aumento da tensão de necessidade, frente a que — a *indefensão* é importante".

Tanto se o eu vivenciar num caso — escreve — uma dor que não cessa, e em outro um êxtase de necessidade que não pode achar satisfação em relação com o princípio do prazer, a situação econômica é, em ambos, a mesma e o desvalidamento motor encontra sua expressão no desvalidamento psíquico.

Vemos agora que a situação da insatisfação em que as magnitudes de estímulo alcançam um nível de desprazer — perto da dor — sem que sejam dominadas por emprego psíquico e descarga, tem que estabelecer para o lactente a *analogia* com a vivência de nascimento e angústia traumática — é a perturbação econômica pelo incremento das magnitudes de estímulos na espera de tramitação.

A perturbação econômica constitui, agora, o núcleo genuíno do perigo. Como situar esta perturbação econômica, núcleo do perigo e já não da castração *na mãe*?

A angústia do nascimento como a angústia do lactente "não precisa de interpretação psicológica", quer dizer, "psicologicamente não nos diz nada".

Esta ausência de significação situa a perturbação econômica como um dos nomes freudianos do gozo e, ao mesmo tempo, como fora da função da palavra.

A isto se refere em "Inibição" ao comentar que a angústia traumática como tal "carece ainda de todo conteúdo psicológico"⁴⁶.

Retorna a analogia; não se trata de identidade. A angústia traumática não corresponde ao trauma do nascimento, exceto que o trauma do nascimento também vale como irrupção de gozo ou como perturbação econômica.

Somente a magnitude da soma de excitação converte uma impressão em fator traumático, paralisa a operação do princípio de prazer, confere sua significatividade à situação de perigo.

Porque não poderia ser possível — pergunta-se — quando intervêm fatores traumáticos sem referência às supostas situações de perigo, que a angústia não se provocasse como sinal, mas que nascesse como *algo novo* com um fundamento próprio?

Com o mais além, "a experiência clínica nos diz de maneira taxativa que é assim"⁴⁷: na experiência do *unheimlich* ou nos sonhos da neurose traumática irrompe como fator traumático, nesse mesmo ponto de perda inaugural do gozo que introduziu a castração na mãe, essa libido-resto.

Não se trata da libido de objeto, nem da libido narcisista. Esse resto reafirma a importância da experiência sexual que, por tal causa, se denomina traumática e inaugura o que não pode ser ligado: o gozo pulsional como satisfação substitutiva.

Tal dita experiência sexual confronta o sujeito, pela primeira vez com a *indefensão*, ou ainda, com a angústia traumática, pois tampouco conta com "esse outro pré-histórico e inesquecível" que possa ser garante desse gozo parcial e intransferível.

A relação angústia-perigo exterior, em 1926, redefine o "perigo pulsional interior".

Por um lado, "a exigência pulsional não é um perigo em si mesma; o é somente porque compreende um autêntico perigo exterior: o da castração"⁴⁸. Na fobia — retorna o pequeno *Hans* — só se substitui um perigo exterior — o da castração — por outro perigo também exterior: o do cavalo que morde.

Por outro, quando intervém o fator traumático, esse mesmo cavalo com o *Krawallmachen* — como em 1916 — introduz, com o terror, um novo perigo que situa de outra maneira a exterioridade da pulsão: reaparece, como antecipamos, fora-de-representação e fora-do-corpo especular, a dimensão da voz.

No "Complemento" diferencia a situação traumática da *indefensão*, da situação de perigo e introduz uma novidade esperada: a *angústia pulsional*.

Esta angústia pulsional, que se apropria do fenômeno do horror, que releva a angústia traumática e que recorta o núcleo da perturbação econômica, se sustenta na "reação originária frente à *indefensão* no trauma"⁴⁹.

Dita reação originária permite situar a angústia como função.

Enquanto a função da angústia — como assinala Lacan — é anterior à cessão do objeto, o perigo está ligado ao caráter de cessão do momento constitutivo do objeto *a*.

Com a função da angústia, logicamente anterior ao desprendimento do objeto, o momento de *indefensão* alcança o Outro. Retorna a castração *na* mãe: "o ponto de angústia está a nível do Outro".

A angústia original — o lugar da angústia — se situa a nível do Outro que nada pode fazer com isso que lhe escapa, nada o une a esse grito, já que a cessão do objeto é um "entre-dois"; situa-se entre o Outro e o sujeito.

Dá que "quanto à causa de seu desejo o ser humano está ante tudo submetido a tê-la produzido num perigo que ele ignora"⁵⁰.

A série freudiana angústia-perigo-*indefensão* aponta para o sujeito: um voltar a passar por esse "entre-dois" como *indefensão* no trauma, ou seja, por esse momento de constituição subjetiva. Retorna, então, neste voltar a passar — nosso ponto de partida — o fenômeno da angústia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LACAN, J. *El Seminario, libro X, La angustia*, lição de 5 de dezembro de 1962, inédito.
2. FREUD, S. "Obsesiones y fobias", *O.C.*, Buenos Aires, A.E., III, p.75. As referências, salvo indicação, correspondem a *O.C.*, Buenos Aires, Amorrortu Editores, (A.E.), 1978-85.
3. *Ibidem*, p.75.
4. FREUD, S. "Las neuropsicosis de defensa", *O.C.*, Buenos Aires, A.E., III, p.58.
5. *Ibidem*, p.55.
6. FREUD, S. "Obsesiones...", *op.cit.*, p.81.
7. *Ibidem*, p.82.
8. FREUD, S. "A propósito de las críticas a la neurosis de angustia", *O.C.*, Buenos Aires, A.E., III, 1878-85, p.133.
9. _____ "Las neuropsicosis", *op.cit.*, p.58.
10. *Ibidem*.
11. FREUD, S. "Obsesiones...", *op.cit.*, p.81.
12. *Ibidem*, p.82.
13. FREUD, S. "A propósito...", *op.cit.*, p.133.
14. *Ibidem*.
15. FREUD, S. "Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de neurosis de angustia", *O.C.*, Buenos Aires, A.E., III, 1978-85, p.111.
16. *Ibidem*, p.112.
17. FREUD, S. Fragmentos de la correspondencia con Fliess: "Manuscrito K", A.E., I, p.262.
18. _____ "Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa", *O.C.*, Buenos Aires, A.E., III, 1978-85, p.171.
19. _____ "Sobre el psicoanálisis silvestre", *O.C.*, Buenos Aires, A.E., XI, 1978-85, p.222.
20. *Ibidem*, p.223.
21. *Ibidem*.
22. *Ibidem*, p.225.
23. FREUD, S. "Lo inconsciente", *O.C.*, Buenos Aires, A.E., XIV, 1978-85, p.180.
24. _____ "Análisis de la fobia de un niño de cinco años (el pequeño Hans)", *O.C.*, Buenos Aires, A.E., X, 1978-85, p.9.
25. *Ibidem*, p.21-3.
26. *Ibidem*, p.23-4.
27. *Ibidem*, p.25.
28. LACAN, J. *Le Séminaire, livre IV, La relation d'objet*, Paris, Seuil, 1994, p.243.
29. FREUD, S. "Análisis...", *op.cit.*, p.109.
30. LACAN, J. "La relación...", *op.cit.*, p.226-27.
31. FREUD, S. "Análisis...", *op.cit.*, p.96-7.
32. *Ibidem*, p.109.
33. LACAN, J. "Conferencia en Ginebra", in *Intervenciones y textos 2*, Bs.As., Manantial, 1988, p.128.
34. FREUD, S. "Análisis...", *op.cit.*, p.111-2.
35. *Ibidem*, p.102; 99.
36. *Ibidem*, p.97.
37. FREUD, S. "25ª conferencia. La angustia", *O.C.*, Buenos Aires, A.E., XVI, 1978-85, p.358-60.
38. _____ "23ª conferencia. Los caminos de la formación de síntoma", *O.C.*, Buenos Aires, A.E., XVI, 1978-85, p.338.

39. _____ "25ª conferencia", op.cit., p.360.
40. _____ "Carta 52", A.E., I, p.280.
41. _____ "25ª conferencia", op.cit., p.361-2.
42. _____ "Inhibición, síntoma y angustia", O.C., Buenos Aires, A.E., XX, 1978-85, p.123.
43. _____ "Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos", O.C., Buenos Aires, A.E., XIX, 1978-85, p.274.
44. _____ "Carta a Rank del 25 de agosto de 1924", in revista *Seminario Lacaniano* nº6, Bs.As., 1994.
45. _____ "La organización genital infantil", O.C., Buenos Aires, A.E., XIX, 1978-85, p.147.
46. _____ "Inhibición...", op.cit., p.125-35.
47. _____ "32ª conferencia. Angustia y vida pulsional", O.C., Buenos Aires, A.E., XXII, 1978-85, p.87.
48. _____ "Inhibición...", op.cit., p.120.
49. *Ibidem*, p.155-6.
50. LACAN, J. *El Seminario, libro X*, "La angustia", lição de 3 de julho de 1963, inédito.

* N.T. Ao substantivo *indefension* não encontramos correspondente em português, onde, no entanto, temos os adjetivos indefeso e indefenso. O autor o utiliza para traduzir ao espanhol o termo *Hilflosigkeit* de importância na elaboração freudiana do "Projeto". Propomos então criar o termo *indefensão* em fidelidade à articulação teórica do texto.